

A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER NOS CONTOS: ROSALINDA, A NENHUMA E VANICLÉIA

Rafaela Dayne Ribeiro Lucena – (UEPB/PPGLI/Mestranda)

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a condição social em que vivem algumas mulheres. Para isso, faremos uma análise comparativa dos contos dos escritores Mia Couto que é moçambicano *Rosalinda*, *A Nenhuma* e Marcelino Freire que é brasileiro *Vanicléia*, onde fica claro para o leitor a condição de submissão vivida pelas protagonistas dos dois contos. Assim, perceberemos a trajetória de vida dessas mulheres, que durante muito tempo foram discriminadas, abusadas, ridicularizadas pela sociedade, desprezadas e excluídas da história, perdendo o direito de externar seus pensamentos como ser humano crítico e pensante. Pelo contrário, estas mulheres tiveram que se calar e viver na obscuridade de servir apenas para obedecer ordens, criar a família e muitas vezes serem violentadas sem ter pelo menos a oportunidade de reclamar. Essa difícil situação reflete as práticas executadas por uma sociedade extremamente preconceituosa e machista, capaz de impor a condição de ser subalterno às mulheres e obrigá-las a viver uma insidiosa submissão aos homens. Num primeiro momento da pesquisa abordaremos a condição social da mulher ao longo do tempo, relatando a historicidade feminina e tentando revelar suas lutas, suas conquistas, seus costumes e seus desejos desconsiderados pelo sistema patriarcal. Em seguida, comparamos os dois contos, evidenciando as condições socioculturais em que viviam as protagonistas, marcadas pela busca de liberdade de expressão e respeito.

Palavras – chave: condição social, mulher, conto

I. A MULHER NA HISTÓRIA

A hierarquização dos sexos incorpora ao universo feminino a luta constante para sua atuação na sociedade, visto que desde os primórdios a figura masculina sempre impôs a autoridade em relação ao sexo feminino. A função da mulher enquanto dona-de-casa e mãe, entre outros papéis tidos como “secundários” é uma questão social, uma vez que a própria família e a sociedade em massa, exigem da mulher que ela seja uma relíquia antiga, para quem muitos cismam em mostrar que o fato de ser do sexo feminino a torna “algo”, uma espécie de coisificação que a destina a ocupar o segundo ou talvez terceiro lugar na vida social, isso se por sorte não interromperem sua chegada ao mundo antes mesmo da formação complexa dos seus órgãos, como acontece em muitos países ainda hoje.

Infelizmente determinadas culturas orientais desvalorizam bastante o gênero feminino, e devido a tal posicionamento percebemos desde a gestação as consequências deste malefício para a mulher, inclusive através do aborto induzido.

A respeito da credibilidade da vida feminina Perrot diz:

O infanticídio das meninas é uma prática muito antiga, que perdura maciçamente na Índia e principalmente na China, por causa da limitação a um único filho: eliminam-se as filhas (sendo atualmente mais através do aborto) até que se tenha um filho. Por causa disso, há uma falta de centenas de milhares de meninas. A tal ponto que as sociedades de obstetrícia e de ginecologia da Índia declararam que em 1986 o “infanticídio” feminino um crime contra a humanidade (PERROT, 2008, p. 42).

Notamos que as desvantagens prosseguem atingindo as mais distintas áreas da vida desse ser discriminado, sempre em busca de conquistas através de várias tentativas de ascensão da cidadania. O caminho percorrido foi e continua sendo árduo: foram muitos anos na tentativa de adquirir alguns direitos quando as mulheres ainda nem eram consideradas como indivíduos. Entretanto, para quem sentiu na pele toda a repreensão dos conceitos patriarcais não se trata de um milagre e sim de determinação pela ruptura do preconceito.

Uma das inúmeras dificuldades da evolução da mulher está principalmente na educação que lhes é oferecida, visto que a escolaridade das garotas é vista com desprezo porque cabe a elas serem futuras submissas. Então é desnecessária a leitura e a escrita, não sendo da sua competência pensar e resolver problemas diários que envolvam essas habilidades, isso será executado pelo homem da casa. Assim, a sua posição intelectual foi durante muitos anos, minada pelos cuidados extremos dos patriarcas contra a instrução feminina.

II. ROSALINDA, A NENHUMA E VANICLÉIA: SUBMISSÃO E ESQUECIMENTO

Rosalinda personagem do conto *Rosalinda, a nenhuma* do escritor Moçambicano Mia Couto é o retrato de muitas mulheres que não tiveram a oportunidade de ser, ou seja, de existir efetivamente e poder expor sua opinião, concretizar suas vontades, realizar seus objetivos, uma vez que, fora casada com Jacinto um homem que a tratava como se fosse invisível, que só havia de lhe servir para saco de pancadas.

Um dos problemas da personagem era o seu tipo físico já que ela era obesa e isso costuma ser um problema para a sociedade. Viúva e sozinha só lhe restavam algumas lembranças amargas, dia após dia ela visitava o cemitério e sobre o túmulo do marido refletia suas práticas agressivas e desrespeitosas para com ela a esposa, companheira e fiel, vejamos:

Assim se foram prostrando as datas, anos suados, anos somados. Rosalinda se antepassava, tantos eram os parentes já enroscados no grande sono. Só ela restava, em seus retroativos pensamentos. Junto à campa, ela se memoriava: - *Jacinto, grande sacana* (COUTO, 1998, p. 52).

Outra problemática enfrentada por Rosalinda era a infidelidade de Jacinto, infidelidade esta que o mesmo não hesitava em demonstrar, colocando-a sempre em estado de submissão e inferioridade com relação a ele que era o homem da casa, logo o dono do saber, como podemos perceber:

Ela estava de razão: o Jacinto só jurara fidelidade às garrafas. Se é que partira, sua alma devia ter viajado em forma de garrafa. Para mais, ele nos amores se multiplicara, retribuindo-se às tantas mulheres. Quando chegava a casa, noite imprópria, já seus lábios estavam cegos. A esta hora, dizia ele, só sei ler nos copos. Falava assim só para lhe magoar (COUTO, 1998, p. 52).

Poucas eram as vezes que Jacinto estava disposto a dialogar com sua esposa mostrando assim que a voz abafada dela reafirmava a submissão da mesma e quando ele finalmente resolvia dialogar com Rosalinda sempre demonstrava um comportamento agressivo para com ela em seguida. Vejamos:

Rosalinda já sabia. Aquela era conversa prévia dos murros, prefácio de porrada. Mal que surgisse o fundo da garrafa, as palavras davam lugar à pontapesaria. Depois, ele saía, farto de ser marido, cansado de ser gente (COUTO, 1998, p. 53).

Mas apesar da infidelidade prestava-se a ele, como se estivesse condenada a viver a vida dele, como podemos observar no fragmento a seguir:

Mesmo sabendo da eterna infidelidade, Laurinda lhe destinou a mais perfumosa roupa. De igual como fizera em vida, ajeitando-lhe as aparências, antes dele sair: - *Você vai ter com as mulheres, assim escangalhado? Deixa que eu lhe arrumo bonito* (COUTO, 1998, p. 53).

Rosalinda que há tempos não sabia o que era existir passa a sentir-se órfã depois de viúva, após a morte de Jacinto ela tudo lhe perdoou.

Com a trespassagem, ela tudo lhe perdoou: mulheres, copos, compridas ausências. A bondade lhe sugira logo na primeira reza, na berma do túmulo. Enquanto orava, sua alma amolecia. Depois dos améns, ela se descobriu apaixonada, por estreia na esteira da vida. Afinal, o Jacinto, meu Jacinto (COUTO, 1998, pp. 53, 54).

Para Rosalinda a morte de Jacinto era o matrimônio que ela sempre desejara, agora ela o tinha só para ela, tinha sede de vingança e se sentia realizada porque agora ela decidia por si.

- Em vida me enganaram. Agora, é o meu troco. Rosalinda, a esposa póstuma, se vingava. E foi por tempos, o ajuste. Então, um dia, ela pensou: antes, eu sempre desconsigui. Sempre fui nada. Mas agora eu sinto meus poderes. Rosalinda se enchia de crença, ela mexia para além da morte, lá onde não havia destino nenhum. E, assim, ela acreditava entender um juízo sem dimensão. Pelas ruínas do cemitério, Rosalinda soltava sonoras risadas (COUTO, 1998, p. 56).

Mas ela começou a apresentar atitudes reprovadas pela sociedade, se comportava como esposa quando deveria apresentar sinal de viuvez e logo voltou à condição de mulher incapaz de existir.

E empurrava ninguém. Seus risos, inacreditados ainda uns tempos estremeceram os mudos cantos do cemitério. Mas depois, os outros, cumpridores de seriedades, temeram suas desordens. A viúva desconhecia os métodos da tristeza, suas gargalhadas incomodavam o sagrado repouso das almas. E levaram a gorda mulher, aquela que foi viúva antes de ter sido esposa. Levaram-lhe para um lugar sombrio onde ela se converteu a nenhuma (COUTO, 1998, p. 57).

Rosalinda nunca soube o que era existir, foi obrigada a fazer apenas o que os outros determinavam e a melancolia e infelicidade foram as suas únicas e inseparáveis companhias. Chegou ao ponto de ser considerada louca e mais uma vez foi obrigada a se calar e a se resumir a nenhuma, mostrando a sua condição de submissa diante de uma sociedade extremamente machista.

A mulher de que trata o conto *Vanicléia* do escritor Marcelino Freire, é uma mulher que é discriminada, abusada sexualmente, explorada pelas classes sociais mais favorecidas e que casa-se com um homem que bebe muito e ela passa a nomeá-lo de *belzebu*, ele a agride fisicamente mesmo quando ela está grávida.

Mas esta mulher que vive numa condição de submissão também nos apresenta características de emancipação, pois ela contesta as práticas do marido e reivindica melhores condições de vida, ela não aceita ser agredida e mesmo não podendo resolver o problema se questiona como pode uma mulher, a companheira do lar ser agredida assim e ninguém faz nada.

Agora que valor me dá esse belzebu? Quanto vale ele ali, na praça? Pergunta, pergunta. A vida dele é me chamar de piranha e de vagabunda. E tirar sangue de mim. Cadê meus dentes? Nem vê que eu to esperando uma criança. Agora, disso ninguém tem ciência. Ninguém dá um fim (FREIRE, 2005, p. 42).

Ela também reflete como era a sua vida antes do casamento e mesmo sabendo que era uma vida de prostituição chega à conclusão de que era melhor, pelo menos por uns instantes ela desfrutava um pouco do luxo que os gringos lhe oferecia em troca de seu corpo, aqui podemos perceber a condição social a qual ela estava submetida a vivenciar que também era de submissa, mas mesmo assim ela achava melhor se prostituir e receber um pouco de atenção do que está casada e ser agredida fisicamente por seu companheiro diariamente, como podemos perceber no fragmento a seguir:

O gringo era covarde, levava pra ser escrava. Mas valia. Menos pior que essa vida de bosta arrependida. De coisa criada. Qual é a minha esperança com esse marido barrigudo, eu grávida? Que leite ele vai construir? (FREIRE, 2005, p. 41).

A visão que ela tinha do homem estava ligada a questão da nacionalidade, ela dizia que preferia o bom tratamento dos estrangeiros do que as pancadas que recebia dos brasileiros.

E ainda ficaram tirando onda: que eu devia respeitar o homem brasileiro. [...] Homem? U-hum. Não vale um tostão pelas bandas daqui. Os caras pelo menos tinham educação, outra finura: levavam a gente para restaurante, deitavam a gente em cama d'água. Sabonete de colônia. A gente era respeitada. Precisava ver como o garçom e o pivete e o gerente e o taxista da frente e o povo todo nos tratava (FREIRE, 2005, p. 42).

Mesmo com o pensamento emancipado percebemos que ela vivia a submissão dentro e fora do casamento e com a única visão de que a prostituição era melhor que o casamento dificilmente ela conseguiria mudar essa realidade. Tanto Rosalinda como Vanicléia são personagens que representam mulheres que ainda vivem em constante submissão ao universo masculino e que acabam sendo esquecidas pelo estado e também pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura tem nos proporcionado um campo muito amplo de estudos diversos. Neste trabalho nos foi permitido observar e comparar a vida de duas mulheres submissas e esquecidas pela sociedade em duas obras: os contos *Rosalinda*, *A Nenhuma* do escritor moçambicano Mia Couto e *Vanicléia* do escritor brasileiro Marcelino Freire. Essas obras nos permitiram explorar vários aspectos relacionados a questões de ordem social referentes à mulher na contemporaneidade, e aqui optamos por desenvolver um trabalho voltado para a importância do reconhecimento da mulher como sujeito social. É evidente que essas narrativas não se resumem apenas a essa temática, pois ainda há muito a se explorar, cabendo inclusive uma investigação a respeito dos direitos humanos, escandalosamente violados no caso dos dois contos. É visível também a importância da linguagem dos autores para demonstrar tais questões voltadas ao feminismo. Dessa forma, podemos dizer que pensar no social sem atribuir as contribuições femininas é esquecer-se de lutas diárias das mulheres contra muitas discriminações sexistas.

Portanto, a conclusão a que chegamos é a de que algumas mulheres ainda vivem em situação de desvantagem com relação ao universo masculino, proporcionado pela submissão a que foram destinadas, mas também pela alienação que as envolvem e as impedem de existir, como por exemplo, as duas personagens centrais aqui analisadas e isso as impossibilitam de ver a vida com outros olhos e desta forma conseguir mudar radicalmente o rumo das suas sofridas experiências de vida.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1998.

FREIRE, Marcelino. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1988.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.